

## O Idoso Brasileiro e a Participação Cívica nas Redes Sociais Digitais.<sup>1</sup>

**Denise Regina Stacheski<sup>2</sup>**

### Resumo

Este artigo tem como objetivo geral diagnosticar a apropriação das tecnologias de informação e comunicação por um grupo de idosos brasileiros com o intuito de fomentar a participação cidadã e o engajamento cívico deste segmento populacional por meio das redes sociais digitais. A justificativa da temática se centra na mudança demográfica brasileira – na qual o envelhecimento populacional se torna irreversível. Como metodologia foi analisado um grupo de dez idosos usuários do *Facebook*, nascidos entre 1920 a 1950 – brasileiros - que, cientes da pesquisa, permitiram o acompanhamento diário de suas interações, entre março de 2011 a novembro de 2012 e participaram de duas entrevistas semiestruturadas – em setembro e novembro de 2012. Como resultados, foram mapeadas opiniões sobre a apropriação das redes sociais digitais para a deliberação pública e prática cidadã – bem como auto representações positivadas de idosos no *Facebook*.

### Palavras-chave

Cidadania, Comunicação Pública, Deliberação Pública, Envelhecimento.

### Introdução

O aumento da expectativa de vida, juntamente com o fator da queda de fecundidade mundial, vem resultando em uma elevação considerável no percentual da faixa etária dos idosos. Uma verdadeira revolução da longevidade que tende a permanecer por várias décadas e se tornar, ainda maior, neste século XXI (PAPALÉO NETTO, 2007). De acordo com o último censo do IBGE (2010), o Brasil tem mais de 20 milhões de sujeitos com mais de 60 anos. São mais de 25.000 pessoas acima de 100 anos. Um segmento populacional crescente que necessita de outras visões e abordagens sociais frente ao envelhecimento.

A Organização das Nações Unidas – ONU (2002) afirma que as modificações demográficas do mundo trazem o desafio de aumentar as oportunidades das pessoas idosas aproveitarem ao máximo suas capacidades de participação em todos os aspectos da vida. Os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (Brasil). Docente e Coordenadora do MBA em Gestão da Comunicação Pública e Empresarial (UTP). E-mail: denisereginaastacheski@gmail.com.

números demonstram uma transição demográfica com muita expressão social e fortalece a preocupação da ONU com a necessidade de novos caminhos a serem percorridos pelas coletividades, de novas concepções para a velhice, de novos papéis sociais aos idosos.

Apesar dos progressos – ocorridos nos últimos anos, por meio de movimentos públicos voltados à população idosa, uma discussão pública maior com os idosos brasileiros deve ser fomentada, pois o acesso aos serviços disponíveis, no Brasil, à população idosa, não é igual a todos. Considera-se a desigualdade nas condições de vida e de saúde dos idosos que vivem em nossa coletividade, pois o envelhecimento apresenta múltiplas faces – e está vinculado aos aspectos sócio-históricos.

Este artigo tem como objetivo geral diagnosticar a apropriação das tecnologias de informação e comunicação por um grupo de idosos brasileiros com o intuito de fomentar a participação cidadã e o engajamento cívico deste segmento populacional por meio das redes sociais digitais.

### **Envelhecimento, Cidadania e Comunicação Pública**

A constituição de idosos, inclusive do que é ser velho e das experiências da velhice, hoje, no Brasil adquire forma e existência a partir de signos e significações criados pela coletividade. Idosos que se constituem a partir de vozes sociais do envelhecimento, postas tanto nas mídias impressas, como nas mídias digitais – e, em todos os meios pelos quais perpassam a comunicação pública, circulando em toda a nossa coletividade, ao refletir e refratar suas significações.

Acredita-se, portanto, que enfrentar o desafio de consolidar uma comunicação pública direcionada aos idosos é tarefa para o aprofundamento da democracia e para o bem estar de um segmento populacional em vertiginoso crescimento – embora, muitas vezes, ainda seja estigmatizado socialmente.

Existem vários perfis de idosos no Brasil - de um lado, sujeitos aposentados que têm qualidade de vida, que possuem garantido o acesso aos serviços básicos e que sustentam condições socioeconômicas que permitem a satisfação de seus interesses. Por outro viés, tem-se o indivíduo em situação de exclusão social, vulnerável na coletividade, que tem seus direitos negados, e seus vínculos familiares e comunitários são fragilizados. Para agravar os

sujeitos deste grupo, o valor da aposentadoria, ou benefício, não é suficiente para manter suas necessidades básicas (NOGUEIRA, 2006). Mesmo com tanta desigualdade social e econômica, uns mais favorecidos outros menos, ambos os perfis necessitam de políticas públicas que potencializem visões positivadas da velhice, porque, muitas vezes, a aposentadoria, por si só (o fato de passar pelos 60 anos), já contribui para o isolamento e a perda do papel social exercido pelo sujeito.

Dentro da temática, portanto, o foco da comunicação pública deve ser despertar a população idosa para seu protagonismo, sua autonomia, sua capacidade de produzir sua própria informação, em consonância com seus costumes, a partir de uma perspectiva histórica, cultural e social (DUARTE, 2009); e, além de tudo, cidadã.

A cidadania implica mobilização, cooperação e formação de vínculos de corresponsabilidade para com os interesses coletivos (DUARTE, 2007, p. 111); é um direito universal e, para a sua prática, o cidadão deve interferir na ordem social em que vive ao participar de questões públicas, ao debater e deliberar sobre elas.

A partir deste pressuposto, as articulações entre a cidadania e a comunicação pública são inerentes, pois a comunicação é um processo dialógico, no qual sua função perpassa pela promoção da participação e da ativação para a prática da cidadania. Sem uma participação popular, ou restrita a pequenos grupos, a prática cidadã não consegue existir. Manzini-Covre (1993, p. 66) afirma que “é preciso criar espaços para reivindicar os direitos, mas é preciso também estender o conhecimento a todos, para que saibam da possibilidade de reivindicar”. Uma prática de reivindicação, de participação, de deliberação pública.

Portanto, a comunicação pública deve estimular a participação ativa, racional e co-responsável dos sujeitos sociais (DUARTE, 2009). Por isso, só existe cidadania se houver a apropriação de espaços, de possibilidade de “voz” social, da deliberação pública.

A partir deste pensamento, e ao articular com o foco deste estudo, constata-se que a crescente presença do idoso no espaço público, mesmo que acompanhado com novas visões do envelhecimento, não significa uma maior participação cívica dos mais velhos. Para Matos (2011, p. 43), “o idoso só atingirá uma representatividade quando se tornar ativo tanto pela participação na força de trabalho quanto pelo engajamento cívico-político. É justamente no processo de socialização que o idoso encontrará sua identidade, como sujeito e agente social”. A autora continua, “mas alcançar essa condição pressupõe reconhecer-se a si mesmo pelo



reconhecimento do outro, pois “o idoso não precisa de alguém que fale por ele e lute por ele. Ele precisa de quem fale e lute por ele” (MATOS, 2011, p. 43). Trata-se de pensar, sentir e agir no sentido de que a democracia se constrói a todo instante nas relações sociais de que se faz parte.

## **Redes Sociais Digitais e Envelhecimento**

Estudar as redes sociais digitais é discutir, também, os padrões de conexões e as práticas comunicacionais proporcionadas no espaço virtual, no ciberespaço – na sociedade, envolvendo, inclusive a comunicação pública. A força da mobilização. A sociedade vive em um momento de convergência midiática, isto corresponde a uma tendência de adaptação dos meios de comunicação à internet, e outras mídias móveis, bem como em seus novos paradigmas de interação social.

A interação é aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o sujeito e os outros, possui um caráter social e está diretamente relacionado às práticas comunicacionais. Segundo Winocour (2009, p. 14), a internet traz novos processos de criação de sentidos e um suporte simbólico ideal para a expressão dos sujeitos:

*Nuevos procesos de creación de sentidos, recuperando desde una perspectiva sócio antropológica las condiciones sociales y culturales que hacen posible esta interdependência. Esto implica assumir como punto de partida, que la experiência com la computadora, Internet y el movil, no solo se explica como un impacto directo de las multiples posibilidades que brindan sus programas y aplicaciones, sino también, como consecuencia de una impronta social y cultural que encontro en dichas tecnologias un soporte simbólico ideal para expresarse.*

Mais do que modificar a forma de interações nas vidas das pessoas, a internet cria novos sentidos, novas condições socioculturais de expressão e de práticas comunicacionais. A internet e todas as tecnologias assumem a forma de seus usuários. Por meio da apropriação é que os dispositivos tecnológicos são significados, reconfigurados e legitimados,

possibilitando, até mesmo, caminhos para novas formas de inclusão social, ao possibilitar visibilidade e reconhecimento nos vínculos sociais, nas formas e conceitos de comunidades.

Para Castells (2002, p. 287): “a internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos”. Uma busca de características, em rede, para as identidades dos sujeitos, como forma de reconhecimento frente aos outros sujeitos sociais.

Assim, um efeito de sentido de inclusão social pode ser experienciado pelos idosos no *Facebook*. O contato dos idosos com a internet e suas ferramentas multiplicam as oportunidades para que possam se integrar à sociedade, pois se apropriam dos códigos, dos meios, da linguagem da sociedade atual. A população idosa pode se beneficiar pela potencialização dialógica da internet, estimulando suas atividades mentais (KACHAR, 2002) e para obter informações e serviços que são solicitados e apreendidos sem a exigência de locomoção física ou de um alto custo financeiro. E a comunicação pública pode experimentar as redes sociais para incentivar o diálogo, a participação cidadã, a discussão de problemas de nossa coletividade.

### **Metodologia e Análise do Objeto Empírico**

Técnicas de pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas, foram as escolhas metodológicas deste artigo. O grupo entrevistado se constitui de dez sujeitos ativos (isto é, que publicaram - regularmente – pelo menos uma vez por dia) no *Facebook*, nascidos entre 1920 a 1950 – brasileiros - que, cientes da pesquisa, permitiram o acompanhamento diário de suas interações, de março de 2011 a novembro de 2012. As entrevistas foram realizadas em setembro e novembro de 2012, por meio do próprio *Facebook*.

A escolha pelo *Facebook* se fundamenta por ser a rede social digital que mais cresceu no mundo em 2011. A plataforma possibilita a publicação de fotos, vídeos, mensagens, jogos e diversos aplicativos; constitui uma comunicação nova, uma rede social que coloca as pessoas em contato umas com as outras, muitas vezes de forma inesperada, em torno de algo que tenham em comum: uma experiência, um interesse, um problema, uma causa

(Kirkpatrick, 2011; Miller, 2011). Ressalta-se que o Facebook é uma plataforma (talvez momentânea) e que, em breve, provavelmente, novas redes sociais digitais estarão em seu lugar, assim como o Orkut (<http://orkut.com/>), que já teve números elevados de usuários, principalmente no Brasil, até 2007. Existem outras redes sociais digitais, inclusive, que já despontam nos EUA como o Pinterest (<http://pinterest.com/>).

O objetivo da metodologia aplicada foi mapear opiniões de um grupo de idosos sobre a apropriação das redes sociais digitais para a deliberação pública e prática cidadã – bem como perceber as auto-representações dos próprios dos idosos no Facebook.

Uma das perguntas base realizadas para o grupo, em setembro e novembro de 2012, realizada pela própria rede social digital, permeou a viabilidade de debater questões públicas – “para melhorar nossa cidade” - por exemplo – no Facebook. Dos dez idosos entrevistados, que estavam sendo acompanhados desde março de 2011 - todos aceitaram participar de discussões públicas por meio da rede social digital – Facebook. Seguem, para ilustrar, algumas respostas dos pesquisados:

“Concordo plenamente. Seria um ótimo canal de troca de ideias. Abraços” (C. A., 64 anos).

“Dentro dos meus limites gostaria de participar agradeço pelo convite. Beijos” (O. A., 65 anos).

“Com certeza, conte comigo, bjuss...” (B. C. , 67 anos). “(...) como fui professora o Face veio para eu encontrar os meus ex-alunos e saber o que estão fazendo na vida adulta. Fiz novas amizades e as pessoas que já conhecia, a amizade ficou mais forte. Hoje aqui em Foz do Iguaçu tudo é comunicado pelo Face, festas, reuniões, lançamentos e etc. Quem não tem é esquecido. Como sempre fui muito moderninha e curiosa, comecei no Orkut logo que ele chegou no Brasil, depois como todos, passei para o Face. O debate via internet vai ter, como tudo, o lado bom e o lado ruim, porque tem pessoas que acha que pode escrever tudo, sem ser responsável (...).Bjs” (E. A. , 63 anos).

“Sim, pois não, com muito prazer” (J. L., 78 anos).

Os dez entrevistados observaram positivamente a deliberação pública – a partir de seus interesses – por meio da rede social digital. Assim, para que as redes sociais digitais contribuam no processo de comunicação, em busca da ampliação da cidadania do idoso, deve-se considerar a existência de um sujeito ativo nesse processo, capaz de analisar criticamente as informações recebidas, e de assumir o papel de emissor da comunicação, sem o

fortalecimento da vitimização social. Um idoso co-participante no processo de comunicação pública.

Em relação às auto representações, o grupo de idosos se percebe de forma positivada no Facebook, e se enquadra em uma visão de envelhecimento bem sucedido, ativo, no qual as interações digitais geram um efeito de pertença, de sentido (STACHESKI; MASSI, 2011). O grupo de idosos analisado refrata a ideia de uma vitimização social e apresenta-se ativo nas práticas comunicativas da comunidade.

Conforme argumenta Cardoso (2011), é preciso verificar as possibilidades de apropriações das redes sociais digitais:

Falar de redes sociais mediadas pode implicar falar das características tecnológicas das plataformas usadas, mas também do que fazemos com elas. Existe uma pergunta base no contexto de análise das redes sociais na internet: o que fazemos nós com as redes sociais? Dentre as possibilidades tecnológicas e os reais usos há todo um processo de domesticação que marca para onde a tecnologia evoluirá nos seus usos.

Destaca-se, também, a argumentação de Castells (2002) quando afirma que a interatividade proporcionada pela internet torna viável aos cidadãos solicitar informação, expressar opiniões ou pedir respostas pessoais a seus representantes. Para o autor, as redes sociais digitais podem constituir-se em um instrumento ideal para promover a democracia.

Não é suficiente apenas liberdade em relação aos meios de comunicação para receber informações midiáticas que circulam na coletividade, é imprescindível que a cidadania perpassa, principalmente, pelo fato de que cidadão seja um emissor nos processos comunicacionais de sua sociedade.

Acredita-se que a comunicação pública, pelas práticas comunicacionais das redes sociais digitais, possibilita maior aproximação entre representantes e representados idosos ao estabelecer uma nova relação entre cidadãos e políticas, um diálogo entre os promotores de políticas, os produtores midiáticos e os atores individuais.

Matos (2010) assevera que na medida em que se promove a interação, a participação da sociedade nas decisões políticas ocorre de forma ativa, pois o cidadão busca não somente

os direitos de pertencer ao sistema sociopolítico, mas o direito de participar na (re) elaboração do sistema como um todo.

## **Considerações Finais**

Idosos se reconstituindo a partir de relacionamentos virtuais, sendo gestores de suas vidas, com autonomia e liberdade. Um espaço público no qual há interação e trocas coletivas podem constituir novas visões a respeito do idoso e por consequência do processo de envelhecer. Apostar na capacidade dos idosos de aprendizagem, de participação, de cidadania ativa, como afirma Lima (2007, p. 142) “é direito do idoso, como cidadão, ter amplamente facilitado o seu acesso às novas tecnologias de informação”. A educação continuada aos idosos – inclusive a aprendizagem ao manuseio das mídias digitais – possibilita maior cidadania, maior liberdade, pois faz com que a população idosa se situe e se reconstitua a partir dos contextos atuais de sociabilidade. Goulart (2007, p. 77) argumenta que através da aprendizagem digital, o idoso torna-se “capaz de compreender o seu papel social e o significado desta aprendizagem, para usá-la no seu dia-a-dia, de forma a atender as exigências da própria sociedade, promovendo sua inclusão”. O contato dos idosos com a internet e suas ferramentas multiplicam as oportunidades para que possam se integrar à sociedade, pela potencialização dialógica da internet, pelo estímulo de suas atividades mentais e para obter informações e serviços que são solicitados e apreendidos sem a exigência de locomoção física ou de um alto custo financeiro. A comunicação pública pelas redes sociais digitais.

A participação em redes sociais e em organizações voluntárias são fatores importantes para a democracia e para a satisfação pessoal, pois são canais de expressão de interesses privados e demandas governamentais (PUTNAM, 2005). As redes sociais de participação podem funcionar como um ambiente de aprendizagem democrático, onde habilidades cívicas são apreendidas: debates de questões públicas, de como falar em público ou de organizar uma reunião, por exemplo. Como afirma Cardoso (2011, p. 219):

Nos nossos jornais, nas nossas televisões e mesmo nas telas dos nossos cinemas a temática das redes sociais, como o Facebook ou Orkut, parece encontrar um espaço de atualidade desmedido. Ao ler, ouvir e ver essas peças somos levados a pensar que



estamos a viver um tempo de absoluta novidade e que as redes sociais são algo com que nunca antes nos deparamos. Mas as redes sociais não são novidade. As redes sociais são o que sempre nos acompanhou enquanto sociedade quando deparamos, na nossa relação diária, com família, com amigos, no trabalho ou quando surge a necessidade de nos juntarmos a outros para atingir objetivos comuns. O que importa é distinguir o modelo de organização social, a rede, do instrumento tecnológico de mediação, ou seja, distinguir entre as nossas relações sociais e o instrumento tecnológico de mediação do relacionamento. As redes sociais que criamos quando fazemos uso do Facebook, Orkut ou quando passamos SMS em cadeia, antes de serem tecnologias de mediação de redes sociais, são pessoas ligadas em redes de relacionamento social interagindo.

Assim, podemos afirmar que a esfera pública, atualmente, inclui, também, os ambientes virtuais. O problema não está em definir se o contato será direto ou mediado, ou que seja a partir de um ambiente real ou virtual (MATOS, 2010). A autora afirma que o ponto principal é a interação, nas seguintes premissas: na democratização da comunicação dialógica; nos protocolos que regulam os fluxos e as trocas dialogais; no resultado final ou parcial do diálogo; nas ações colocadas em marcha em função do que se concluiu e, também, com respeito às consequências das ações e à responsabilidade acerca delas. Portanto, ambientes virtuais, como as redes sociais digitais, são, sim, “uma poderosa ferramenta tanto para o capital social quanto para a comunicação pública” (MATOS, 2010, p. 1).

Não se considera, neste artigo, que as redes sociais digitais são meios inerentes para o engajamento cívico ou para o aumento do capital social de idosos, contudo, acredita-se que as redes sociais digitais são lugares de voz de que idosos podem se apropriar para efetivar sua participação cidadã. O espaço de transmissão de informações e diálogo com a opinião pública, provavelmente, se fortalece através das redes sociais digitais.

A partir das mídias digitais é possível, portanto, criar redes de relacionamento, mobilizar e engajar o público idoso para sua participação e deliberação pública. Questões que prolongam e necessitam de novos debates e estudos.

## Referências

CARDOSO, G. Mudança Social em Rede. IN: Centro Ruth Cardoso, **Políticas Sociais, Idéias e Práticas**. São Paulo: Moderna, 2011.



CASTELLS, M. A **Sociedade em Rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

DUARTE, J. (org.). **Comunicação pública: estado, governo, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2007.

DUARTE, M. Y. **Comunicação e cidadania**. IN: DUARTE, J. (org.). **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2009.

GOULART, D. **Inclusão digital na terceira idade: a virtualidade como objeto de reencantamento da aprendizagem**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: [http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1043](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1043). Acesso em mar/2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Condição de Vida**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2010/SIS\\_2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2010/SIS_2010.pdf). Acesso em jul/2010.

KACHAR, V. **A terceira idade e a inclusão digital**. Revista O mundo da saúde, São Paulo, v. 26, n. 3, 2002.

KIRCKPATRICK, D. **O Efeito Facebook**. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2011.

LIMA, M. P. (2007) **O idoso aprendiz**. Divulgação eletrônica do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em <http://www.portaldoenvelhecimento.net/acervo/pforum/evve1.htm>. Acesso em mar/2011.

MANZINI-COVRE, M.L. **O que é cidadania?** São Paulo: Brasiliense: 1993

MATOS, H. **Capital Social e Comunicação. Interfaces e Articulações**. São Paulo: Editora Summus, 2009.

\_\_\_\_\_. **O potencial do capital social na comunicação pública**. Observatório de Imprensa. 2010. Ano 16 - nº 698. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o-potencial-do-capital-social-na-comunicacao-publica>. Acesso em mai/2012.

\_\_\_\_\_. **O declínio do capital social e comunicacional na terceira idade e a ausência de reconhecimento dos idosos**. In: MARQUES, A.; MATOS, H. **Comunicação e política. Capital social, reconhecimento e deliberação pública**. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

MILLER, D. **Talles from Facebook**. 2011.

NOGUEIRA, I. **Projeto Cidadania Ativa: Uma Nova Realidade para o Idoso**. SESC/Ceará. 2006. Disponível em: <http://www.cibs.cbciss.org/arquivos/PROJETO%20CIDADANIA%20ATIVA%20-%20UMA%20NOVA%20REALIDADE%20PARA%20O%20IDOSO.pdf>. Acesso em abril/2012.



**IX** Conferência Brasileira de  
**Mídia Cidadã**  
IV Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Plano de ação internacional sobre o envelhecimento, 2002.** Disponível em: [www.cicts.uevora.pt/paienv.pdf](http://www.cicts.uevora.pt/paienv.pdf). Acessado em janeiro/2010.

PAPALEO NETTO, M.; **Tratado de Gerontologia.** 2ª Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Editora Atheneu, 2007.

PUTNAM, R. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

STACHESKI, D.R.; MASSI, G.A. Índices sociais de valor: *mass media*, linguagem e envelhecimento. **Revista Interface**, v. 15, 2011. Disponível em: <http://submission.scielo.br/index.php/icse/article/view/30699>. Acesso em: jun./2011.

WINOCOUR, R. ***Robinson Crusoe ya tiene celular.*** México: Siglo XXI, 2009.